quando o circo chegou à cidade, aquele pedaço de terra batida onde levantaram a lona finalmente ganhou seu segredo. noite após noite se manteve iluminado, e parecia tão natural naquela paisagem que é como se tivesse crescido depois da chuva, e circo fosse árvore ou coisa que vem da terra.

em volta das luzes, pessoas se apinhavam na bilheteria, curiosas em especial pelo mágico Oberon e sua *bela* assistente, assim disseram os jornais, mas também pela família de trapezistas e pelo palhaço cigano. para que esse fascínio não se transformasse em desconfiança, para que se mantivesse no tom exato do divertimento excêntrico, para que o público não reparasse na velhice da lona ou nas olheiras da filha do trapezista, o circo vende pipoca — um rapaz magro, de bandeja pendurada no pescoço, atravessa o picadeiro com dezenas de saquinhos — enquanto o público se acomoda, a maioria crianças de mãozinhas dadas uma ao pai, outra à mãe.

os tambores rufam, as luzes se abrem num estrondo e no palco desponta a bela assistente de que tanto se fala na cidade — os rapazes *assoviam*, fazem guerra de pipocas.

de vestido branco, Margarida acena, *imaculada*, e se o público pudesse tocar em suas mãos veria que se parecem com as de um cadáver muito delicado que morreu talvez de susto. se de perto, veriam que seus olhos são ainda mais perturbadores. há neles uma luz antiga, que vem de muito antes daqueles rapazes terem pelos, e que se parece, sobretudo quando o espetáculo termina, com um blues.

Margarida ergue a mão direita com a intensidade de uma flecha. aponta para o fundo do picadeiro, de onde surge, por trás das cortinas

de veludo, um homem de cartola e sobrancelhas sinistras que se movem com a flexibilidade dos desenhos animados, as crianças riem, mas de repente param, ao ver a fumaça tomar conta da cena e Margarida subir em uma perigosa estrutura de ferro.

os espectadores silenciam, como se fossem, todos eles, alimento de um animal que domina o palco

e espera.

o mágico tira um lenço da cartola, o tecido *cresce*. ele recobre Margarida, quando puxa

o pano:

Oh!

a assistente desapareceu.

Bravo!, exclamam.

mas o mágico pede atenção. aponta para a luz que se derrama sobre uma grande caixa de vidro, caminha por fileiras de crianças boquiabertas. abre o compartimento para mostrar o óbvio, que ali está *vazio*, e ondula suas misteriosas sobrancelhas.

o mágico cobre a caixa, os tambores rufam.

quando cai o pano:

Oh!

Margarida está suspensa
por um *fio*
que a faz sobrevoar todo o picadeiro ao som do fole de um acordeão.

Bravo!, o público exclama

e irradia do encontro das palmas um calor magnífico, uma multidão de ondas estalando aos pés do mágico

‘

era uma aprendiz no circo. estava fumando na cadeira de praia quando o palhaço saiu da tenda ainda de peruca.

— (se vira para ela) *Margarida, não é?*
— (sorri) *sim.*

ele a convidou para ir até o trailer onde morava — *é logo ali, o terceiro depois da árvore.*

ao subir os degraus, Margarida reparou como ele era diferente sem a cara branca, sem os sapatos infinitos, naquela pressa para escapar de baldes d'água, mas não ali, onde ele se mantinha a salvo e apertava os olhos, sondando Margarida.

— *Oberon gosta muito de você.*
— *de mim?*
— *sei o que digo. além do mais* (se aproxima) *fazia tempo que alguém não dormia no trailer dele.*
— *ah, sim. sim, mas nós apenas dividimos o lugar, não sei se você sabe.*
— (ri) *não precisa me dar explicações. mas senta, vamos conversar um pouco. posso ver suas mãos?*
— *para quê?*
— *quero ler.*
— (surpresa) *você lê mãos?* (estica as palmas)

— *minha avó me ensinou.*

ele analisa as linhas.

— *oh, céus!*

— (se divertindo) *viu alguma coisa?*

— *sua vida terá desafios.*

— *não me diga.*

— *alguns terríveis.* (depois de uma pausa) *você perdeu seu pai, não é?*

— (muda a expressão) *como você sabe?*

— *está na sua palma.* (acaricia) *ela é toda atravessada por vazios e impermanências. algumas saudades. muitos arrependimentos.* (olha para ela) *na aldeia onde nasci, os brinquedos das crianças são feitos de um material frágil, de tal modo que ensinam o cuidado ao toque, ou irão se romper. eles lembram sua vida, esses brinquedos. as linhas de sua palma parecem uma delicada coleção de ausências. você sempre terá que tomar cuidado com o que toca. até mesmo com o que não está é preciso ter cuidado, pois essas coisas têm presença também. há muita força em suas mãos, Margarida, todas as luzes e as sombras. se souber usá-las, terá prosperidade.*

— *então o futuro não me reserva só tristezas?*

— *não.* (ele sorri) *você encontrará generosidade e alegria. apesar de que.* (estuda as palmas por um instante)

— (preocupada) *o que você viu?*

— (aponta para uma linha que cruza as outras) *você está fugindo de uma mulher, não está?* (Margarida abaixa os olhos) *não adiantará fugir dela, e mesmo assim você fará isso a vida toda. até que não sentirá mais medo, pois essa mulher será a única coisa que te restou.*

— (arrepiada) *você diz isso de um jeito...*

— *e você terá um grande amor, mas só daqui a muitos anos. não será um homem, mas uma menina.*

— *uma menina?*

— *aliás, você deve ficar atenta com os homens. alguns dos que cruzarão seu caminho não serão merecedores de sua confiança.*

— *e como vou saber se você não é um deles? se não devo fugir deste trailer agora?*

— *daqui não precisa.* (ele fecha as palmas) *aqui é destino seu*

— *alguém aí quer torta?!*

— *nãão*, o público responde, enquanto o palhaço persegue uma criança ao som do bumbo, e, todos sabem, a torta acabará no rosto dele mesmo, PLOFT!, risos & aplausos, inclusive da coxia, de onde Margarida observa a cena.

ela ainda consegue ver, antes de entrar para o segundo ato, alguém estender uma toalha, que ele esfrega no rosto para tirar o chantili. Margarida *estremece*, mais que todo o público, quando o palhaço *olha* para ela da coxia com um ar de desolado esplendor.

os tambores rufam,

Margarida desponta no picadeiro. recebe assovios, acena para a arquibancada, aponta com a intensidade de uma flecha para a cortina de veludo, mas.

já não é a mesma, Oberon percebe.

no palco,

(fole de acordeão)

já não é a mesma.

se move com aparente confiança,

(ela entra numa caixa, fumaça, *silêncio*)

mas há distração em cada um de seus
gestos, ele pensa, puxando uma espada,

Oh!
que enfia
entre a cabeça e o seio

‘

as luzes do circo se apagam na força de uma alavanca e o picadeiro fica vazio, completamente. ainda de figurino, Margarida vai ao trailer do palhaço, bate na porta
e quando ele abre
por sorte ela não precisa dizer muito, pois
essas *coisas*
quando mútuas
dispensam explicações.

logo eles estavam na cama, nus
e se esforçando,

(nas costas)

como se parissem, naquela musculatura, Asas.

horas depois, Margarida passeia as unhas pelo corpo do palhaço, enquanto escuta o vento estalar as barbatanas da tenda, nisso que se tornou um jeito de atravessar as noites sem sentir solidão.

nunca pediu nada, mas em algum momento no pequeno trailer iluminado por uma lâmpada amarela,

(as mãos virando uma só)

o palhaço lhe apresentou

a *quiromancia*, que ele aprendeu ainda menino, na aldeia onde morava.

— *por que você está me ensinando isto?*

ela quis saber em uma noite, zonza com as inúmeras linhas riscadas com canetão preto em sua palma.

— *você tem olho, nós dois temos. esse olho voltado para o futuro*

‘

ainda assim, Margarida não viu, na leitura de palma que praticava todas as manhãs, às vezes até mais que seu próprio número, que numa noite sem figurino, sem maquiagem, quando procurasse o trailer do palhaço, não o encontraria.

deve ter ido ao centro, ela pensou. e depois de encarar mais uma vez o vazio, foi para o trailer que dividia com o mágico.

subiu no beliche ouvindo as cigarras, o canto costurava seu rosto para dentro.

já era madrugada quando Oberon apareceu. Margarida sentiu o hálito pesado de álcool no instante em que o mágico se enfiou na cama dela, as mãos se impondo dentro de sua blusa.

ela o empurrou, assustada. ouviu o estrondo do corpo batendo, talvez, em algum metal.

ficou à espera, mas não teve coragem de olhar para baixo, não teve coragem de se mover

‘

Oberon saiu cedo, e ao longo do dia não foi visto por ninguém.

tampouco o trailer do palhaço, e Margarida contou devagar *um*, *dois*, *três* até a árvore, como se o erro tivesse sido esse.

mas não havia lá nada além do varal dos trapezistas, o vento balançando suavemente os macacões.

— *é o que acontece com os ciganos. quer dizer, não dá pra confiar neles.*

Margarida se volta para a filha do trapezista, que lhe oferece, debaixo de grandes olheiras, o cigarro que fumava do lado de fora do trailer da família.

soltam a fumaça em silêncio. de repente, Margarida corre pelo gramado.

— *mulher, que foi?*

desesperada, aponta para a borboleta que sobrevoa o trailer.

— (zombeteira) *você tem medo?*

— (devolve o cigarro a ela depois que a borboleta se vai) *se você contar pra alguém eu te mato*

‘